

D. Filipa de Lencastre - A Rainha

Exposição




23 de junho a 6 de setembro de 2015
Centro de Exposições de Odivelas

CÂMARA MUNICIPAL

Odivelas

Rua Fernão Lopes - Junto ao Jardim da Música
Telefone: 219 320 800

 | cultura@cm-odivelas.pt | www.cm-odivelas.pt



A Rainha

Philippa de Lancaster

Philippa, primogénita dos Duques de Lancaster, futura Rainha de Portugal nasceu em Leicester a 31 de Março de 1360.

Filha de Blanche de Lancaster e de John Plantageneta, Duque de Lancaster, tem a sua ascendência inscrita na Dinastia dos Plantagenetas.

Os primeiros anos de vida são vividos na casa dos Lancaster no seio de uma corte culta e abastada, onde a presença de escritores, artistas, poetas e músicos era frequente.

Philippa de Lancaster, recebe uma educação esmerada, à maneira nobre e aristocrática. Aprende a ler Latim, Francês e Inglês e a agir de acordo com as virtudes femininas apreciadas na época, preparando-a para o seu primordial destino de mulher, esposa e mãe.

Quando tinha aproximadamente oito anos, vivenciou o falecimento de sua mãe (setembro de 1368), vítima da peste. Em agosto de 1369 morre sua avó paterna e madrinha, a Rainha Philippa de Hainaut.

Com 13 anos, passada a idade da infância, é-lhe atribuída casa, onde recebe educação separada dos irmãos, tendo os seus próprios tutores, aias e governanta, responsáveis por incutir em Philippa, competências como "... a cortesia, conversação, boa apresentação pessoal, dança, canto, bordados, jogos em voga na sociedade cortesã e economia doméstica(...), práticas indispensáveis a uma aristocrática nascida no seio da Dinastia dos Lancasters.

O clima literário da corte de seu pai, considerado um mecenas das artes, inspirou-a certamente a criar seu próprio círculo cultural, liderando a Ordem da Flor e como preciosa flor foi cantada:

(...) Em Lancaster encontrá-la-á, acreditado.

Trace as letras P.H. e E.L.I.P.P.E,

Junte-as todas; estas oito letras formam,

Será o nome da flor de valor,

Que tem corpo delgado, lindos olhos e face suave.

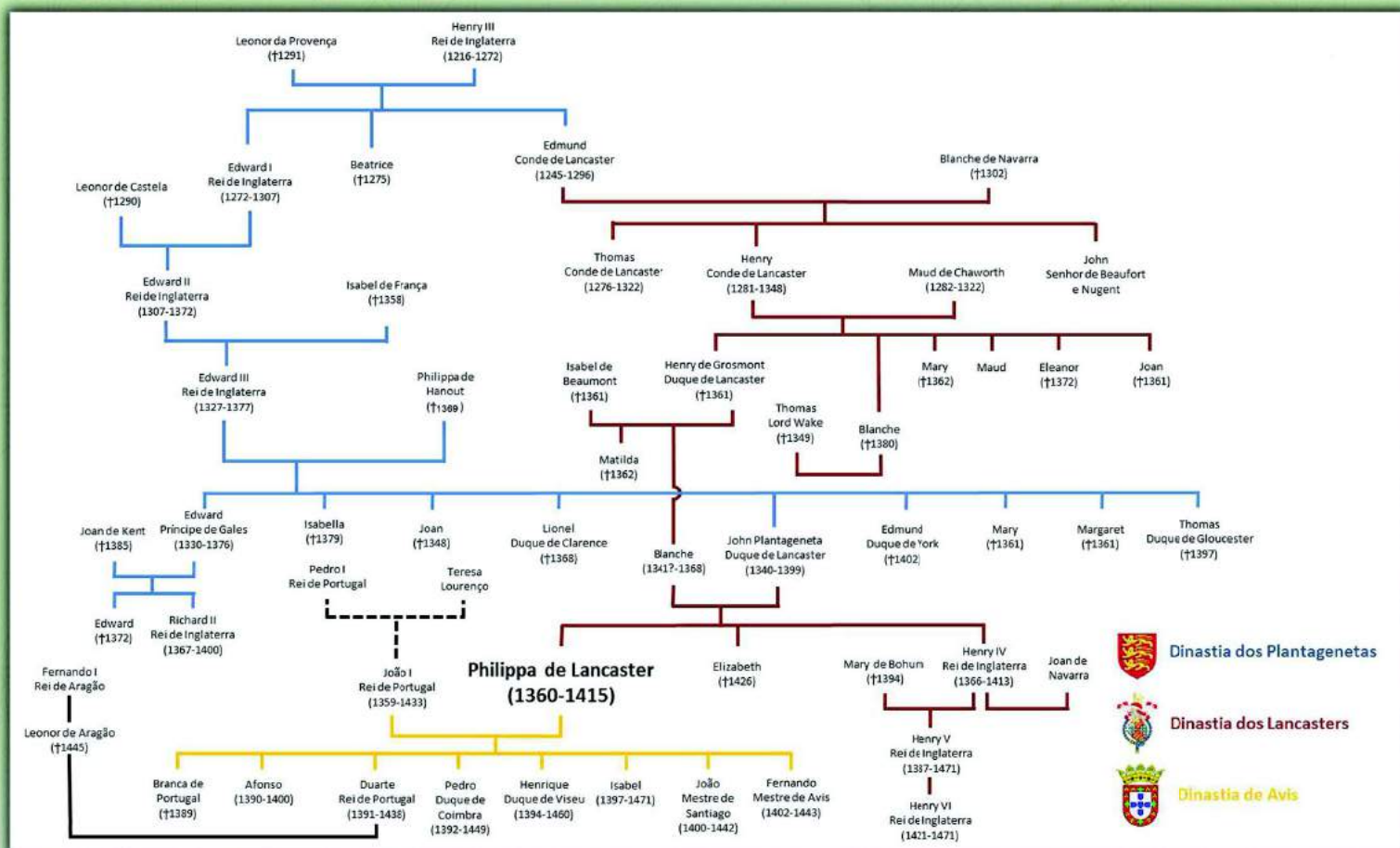
Julgando corretamente, eu fico com a flor.

Eustache Deschamps

Em 1379 Philippa integra o grupo de cortesãos, educados e cultos, ligados à família real recebendo a Ordem da Jarreteira, fundada pelo seu avô Edward III, Rei de Inglaterra.



Geneologia



Philippa, primogénita dos Duques de Lancaster, futura Rainha de Portugal nasceu em Leicester a 31 de Março de 1360.

Filha de Blanche de Lancaster e de John Plantagenet, Duque de Lancaster, tem a sua ascendência inscrita na Dinastia dos Plantagenetas.

Os primeiros anos de vida são vividos na casa dos Lancasters no seio de uma corte culta e abastada, onde a presença de escritores, artistas, poetas e músicos era frequente.

Philippa de Lancaster, recebe uma educação esmerada, à maneira nobre e aristocrática. Aprende a ler Latim, Francês e Inglês e a agir de acordo com as virtudes femininas apreciadas na época, preparando-a para o seu primordial destino de mulher, esposa e mãe.

Quando tinha aproximadamente oito anos, vivenciou o falecimento de sua mãe (setembro de 1368), vítima da peste. Em agosto de 1369 morre sua avó paterna e madrinha, a Rainha Philippa de Hainaut.

Com 13 anos, passada a idade da infância, é-lhe atribuída casa, onde recebe educação separada dos irmãos, tendo os seus próprios tutores, aias e governanta, responsáveis por inculcar em Philippa, competências como "(...) a cortesia, conversação, boa apresentação pessoal, dança, canto, bordados, jogos em voga na sociedade cortesã e economia doméstica(...)", práticas indispensáveis a uma aristocrática nascida no seio da Dinastia dos Lancasters.

O clima literário da corte de seu pai, considerado um mecenas das artes, inspirou-a certamente a criar seu próprio círculo cultural, liderando a Ordem da Flor e como preciosa flor foi cantada:

(...) Em Lancaster encontrá-la-á, acredito.
Trace as letras PH. e E.L.I.P.P.E,
Junte-as todas; estas oito letras formam,
Será o nome da flor de valor,
Que tem corpo delgado, lindos olhos e face suave.
Julgando corretamente, eu fico com a flor.
Eustache Deschamps

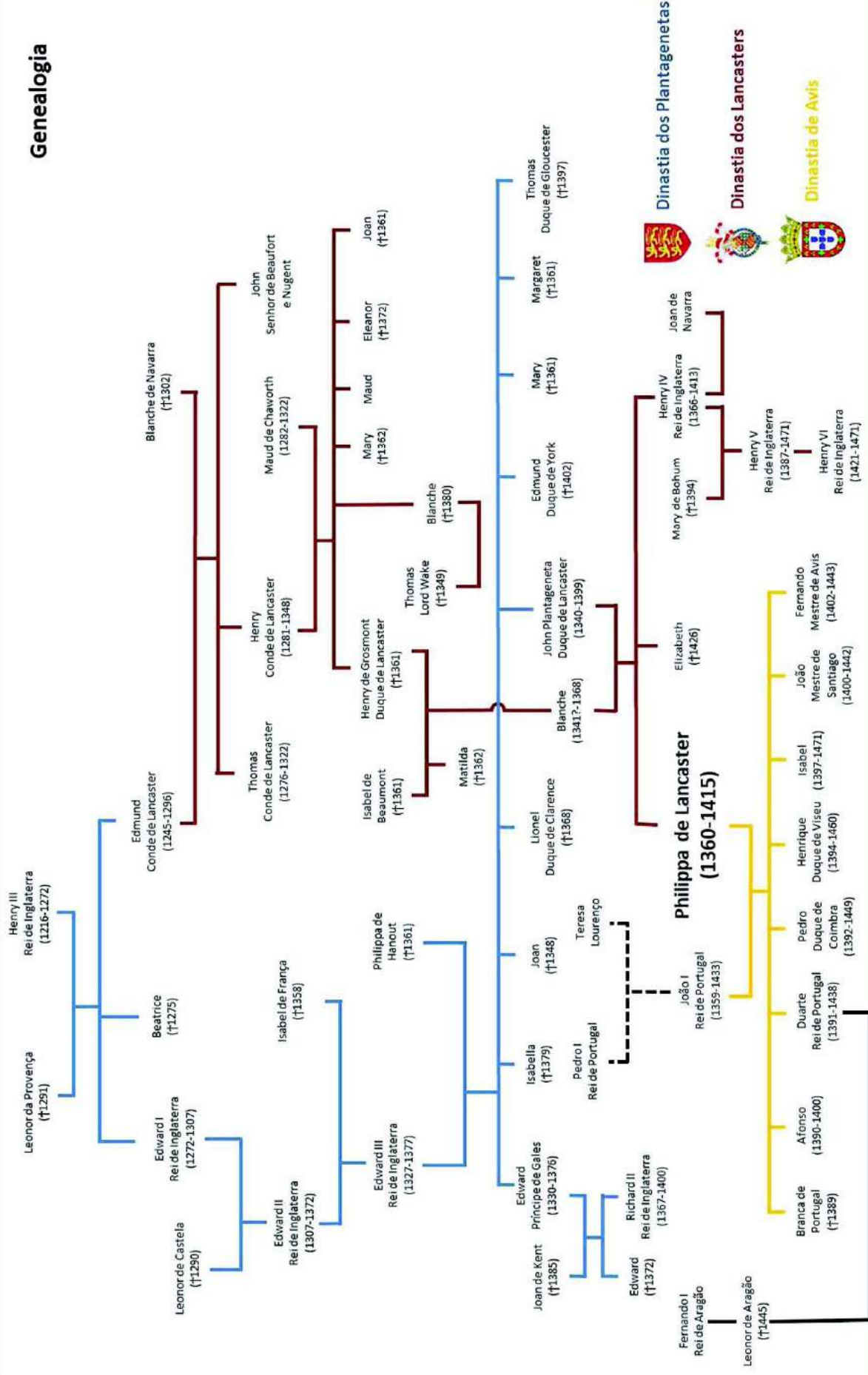
Em 1379 Philippa integra o grupo de cortesãos, educados e cultos, ligados à família real recebendo a Ordem da Jarreteira, fundada pelo seu avô Edward III, Rei de Inglaterra.



A Rainha

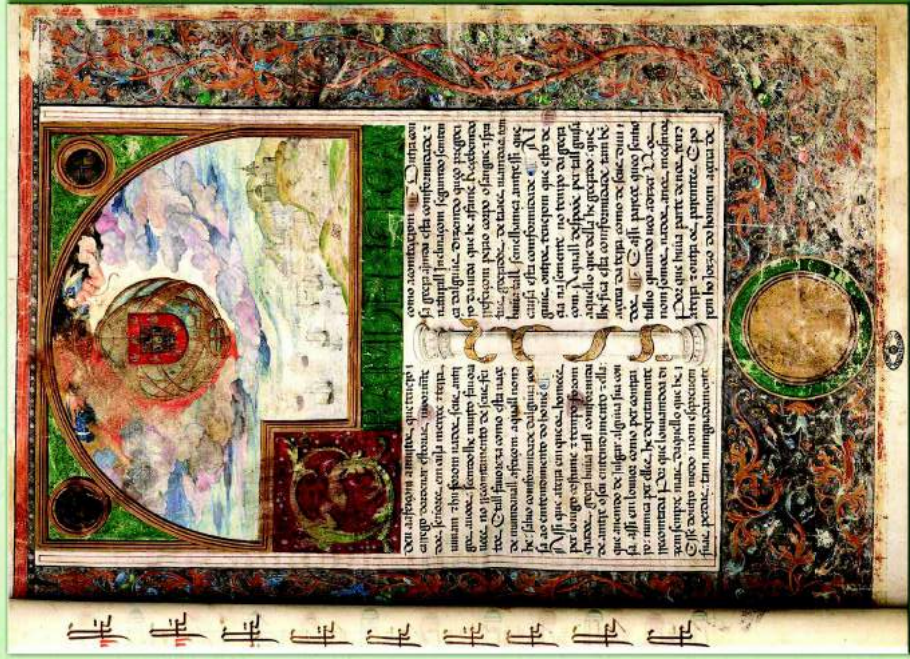
Philippa de Lancaster

Genealogia





A Rainha



As armas de Portugal Crónica de D. João I de Fernão Lopes, PT/TT/CRN8, f. 1.
Documento cedido pelo ANTT

Philippa de Lancaster

Como primogénita do Duque de Lancaster, o casamento de Philippa traduzia-se na efetivação de uma aliança inquebrável que fosse proveitosa, para a casa Lancaster e para Inglaterra.

D. João I, Rei de Portugal, aliado nas ambições políticas do Duque de Lancaster na pretensão ao trono de Castela, surge como o potencial candidato, para casar uma das suas filhas: Philippa ou Catalina. De forma estratégica, D. João I escolhe Philippa, para não desestabilizar mais ainda as difíceis relações com D. Juan I de Castela.

Escoltada por nobres ingleses e portugueses, Philippa de Lancaster foi conduzida ao Porto, tendo ficado instalada no Paço Episcopal. D. João I viu-a pela primeira vez em novembro de 1386.

O casamento entre D. João I de trinta anos e Philippa de vinte e sete é celebrado em fevereiro de 1387, na cidade do Porto, selando a aliança entre Portugal e Inglaterra. Nasce a Dinastia de Avis - uma Corte íntima e privada, centrada no casal real e na sua descendência.

Já Rainha de Portugal, pela sua sólida cultura, privilegia os hábitos de leitura, testemunhados pelas listagens dos livros das bibliotecas dos príncipes de Avis e ainda pela tradução para português da obra do poeta John Gower, *Confessio amantis*, que foi a primeira tradução de uma obra de língua inglesa.

A música também estava presente, assinalando Gomes Eanes de Zurara, na sua crónica a existência de um trovador, Yuda Negro, ao serviço da Rainha.

Os cronistas, Fernão Lopes e Gomes Eanes de Zurara, são unânimes ao salientarem a religiosidade da Rainha, espelhada em várias práticas como o sacrifício da abstinência, a caridade e a oração contínua. É ainda através do cronista de D. João I que obtemos a informação de que a Rainha estabelece na capela régia o ritual e liturgia da sua corte de origem.

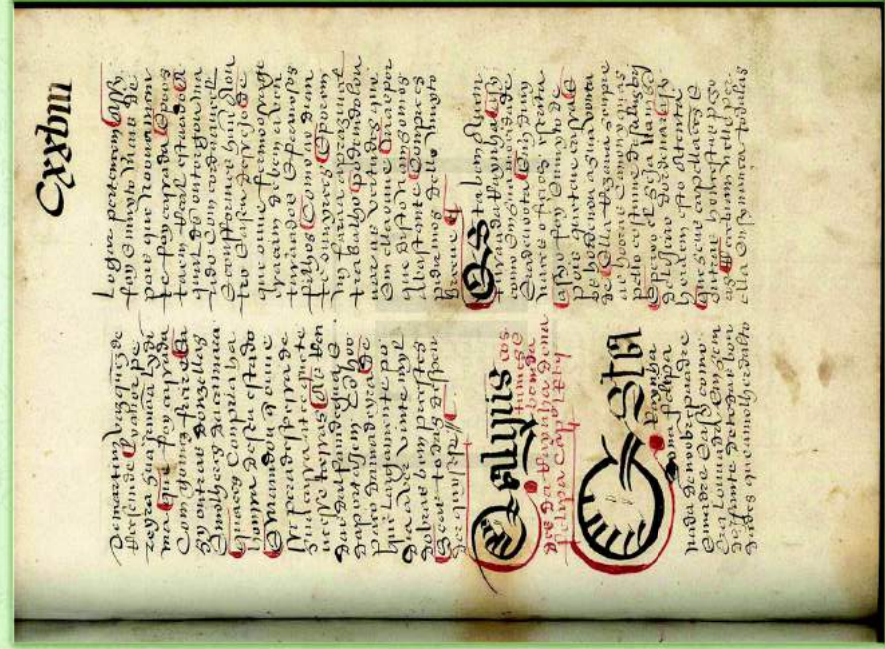
«Ela rezava sempre oras canonicas pello costume de Salesbri; e pero el seja não bem «de ligeiros» dordenar, asy era em esto atemia, que seus capellães e outras onestas pessoas recebiaõ nelle per ella ensynança».

A Rainha D. Filipa de Lancaster, como ficará conhecida em terras Lusas, vai influenciar de forma determinante a corte portuguesa, introduzindo novos conceitos morais, costumes ingleses, impondo um comportamento civilizado, cortês e elegante.

A ação da Rainha na corte portuguesa estende-se ainda à política de influências, promovendo, de forma eficaz e em privado, as relações entre Inglaterra e Portugal.

D. João I e D. Filipa de Lancaster, viveram uma monarquia partilhada, com a documentação régia assinada em *sembra com a Rainha dona Filipa*.

D. Filipa de Lancaster (...) Amou bem e fielmente o seu [muy] nobre marido (...) dando a D. João I e a Portugal a desejada garantia de continuidade da linhagem, que Camões denomina de *Índica Geração*.



Deixar Costumes e Bondades da Rainha Dona Filipa
Crónica de D. João I de Fernão Lopes, PT/TT/CRN13, f. 1v
Documento cedido pelo ANTT

“Esta Rainha dona Filipa, nada (nascida) de nobre padre e madre, asy como ara louvada em sendo infanta de todas bondades que a mulher d’alto lugar pertencem, asy foy e muito mais depois [...] foy casada e posta em real estado, aa quall Deus outorgou marido comcordavel, conformes hudi a outro e a seu desejo, de que oure fermosa geração de bemaventurados e virtuosos filhos, como adiante ouvireis.”



A Rainha

Aliança Diplomática Portugal / Inglaterra



Casamento de D. Filipa de Lancastre e D. João I de Portugal segundo iluminura da Chronique d'Angleterre (vol. III), da autoria de Jean de Wavrin, senhor de Forestel. Bruges, final do século XV. British Library, Londres (Royal 14 E. IV, f.284).

O Tratado de Windsor estabelecido entre Portugal e Inglaterra, representa uma das mais antigas alianças diplomáticas do mundo. Foi assinado em Maio de 1386 após os ingleses lutarem ao lado da Casa de Avis na batalha de Aljubarrota, com o sentido de renovar a Aliança Anglo-Portuguesa estabelecida pelos dois países em 1373.

D. João I e Ricardo II, assinaram o referido Tratado, confirmando formalmente a aliança que haveria de servir de alicerce às relações bilaterais entre aos dois países durante mais de 600 anos. O último ato a firmar essa aliança foi o casamento real entre D. Filipa, filha do Duque de Lancaster, e D. João I, em 1387. O comércio bilateral, desde então, floresceu através dos armazéns ingleses no Porto: bacalhau e tecidos eram trocados por vinho, cortiça, sal e azeite.

O casamento real, de D. João I, o da Boa Memória e de D. Filipa de Lancastre, de 26 anos, mãe da inclita geração, ocorreu no ano de 1387, na Sé Catedral do Porto e a entrada triunfal no Porto de D. João I foi efetuada pela Porta Nova em Miragaia.

D. João I acompanharia posteriormente o sogro e o seu exército na sua tentativa falhada de conquistar Castela. Porém, o Duque de Lancaster conseguiria deixar como rainhas na Península Ibérica – em Portugal e em Castela – as suas filhas Philippa e Catalina, as primogénitas dos seus dois primeiros casamentos.



Da Aliança e Amizade que foi tratada entre el Rey de Portugal e el Rey de Inglaterra.
In LOPES, Fernão, "Crónica de D. João I", Vol. II, Cap. LXVIII.

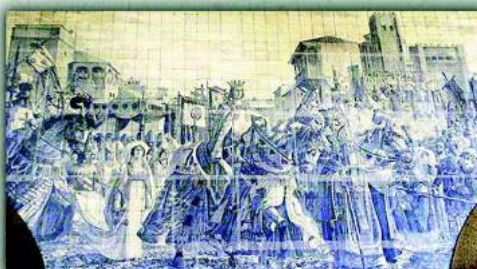


Como el Rey fez voda com sua mulher na cidade do Porto.
In LOPES, Fernão, "Crónicas de D. João I", Vol. II, Cap. XCV.

"Per quinze dias ante e depois duraram festas e juustas reyes, por homra desta voda como dizemos; e não somente é aquell lugar, mas em todallas vilas e çidades do Reino, segundo que cada huu hera, forão feitas grandes alegrias e trebelhos, como então costumavão. E ordenou el Rey casa a Rainha e çerta remda pera sua despesa, ataa que lhe desse, como lhe prometera, terras per guovernança de sua pessoa e estado."

in LOPES, Fernão, Crónica de D. João I, Vol. II

Sete anos depois, em 1394, ocorreu nova entrada triunfal dos reis, desta feita a Gaia, onde foram recebidos pelas autoridades, incluindo o Bispo do Porto, tendo atravessado de barco para o Cais da Ribeira no Porto, e pelos homens-bons da cidade e pelo povo, tendo toda a comitiva real iniciado o percurso que a levaria à Alfândega Real, onde veio mais tarde a nascer o Infante D. Henrique



Casamento de D. Filipa de Lancastre e D. João I. Paineis Aulejares na Gare de S. Bento, Porto.





A Rainha

D. Filipa de Lencastre em Odivelas



Imagem 1 - A Capela de D. Filipa de Lencastre no Mosteiro de São Bento e São Bernardo de Odivelas, vista de exterior da cabeceira da Igreja do Mosteiro.



Imagem 2 - O rei partiu para o mosteiro de Odivelas e como a Rainha ficou para acabar sua desolação e dor em aquele dia adolorado. Crônica da Torre de Ceuta de Gomes Fanes Zuza, 1517/17C/KN 10, f. 131v.



Imagem 3 - O rei partiu para o mosteiro de Odivelas e como a Rainha ficou para acabar sua desolação e dor em aquele dia adolorado. Crônica da Torre de Ceuta de Gomes Fanes Zuza, 1517/17C/KN 10, f. 131v. Documento cedido pelo ANTT.



Imagem 4 - Como a Rainha viu a verdadeira calamidade de sua morte e dos seus filhos, como a cada hora quando lhe deu a sua espada. Crônica da Torre de Ceuta de Gomes Fanes Zuza, 1517/17C/KN 10, f. 131v. Documento cedido pelo ANTT.



Imagem 5 - Como a Rainha deu a espada aos filhos e aos irmãos e os rezou que Deus desse a cada um quando lhe deu a sua espada. Crônica da Torre de Ceuta de Gomes Fanes Zuza, 1517/17C/KN 10, f. 131v. Documento cedido pelo ANTT.



Imagem 6 - Como a Rainha viu a verdadeira calamidade de sua morte e dos seus filhos, como a cada hora quando lhe deu a sua espada. Crônica da Torre de Ceuta de Gomes Fanes Zuza, 1517/17C/KN 10, f. 131v. Documento cedido pelo ANTT.



Imagem 7 - Como a Rainha viu a verdadeira calamidade de sua morte e dos seus filhos, como a cada hora quando lhe deu a sua espada. Crônica da Torre de Ceuta de Gomes Fanes Zuza, 1517/17C/KN 10, f. 131v. Documento cedido pelo ANTT.

Os reis tinham-se refugiado em Sacavém para fugir ao surto de peste que assolava Lisboa, mas a dedicação espiritual, por parte da rainha, ao sucesso do empreendimento que estava a ser preparado – Ceuta – enfraqueceu e debilitou o seu corpo. A peste chega a Sacavém e então se partiu o caminho do mosteiro de Odivelas (Imagem 1), e a Rainha não quis partir até o meio-dia (Imagem 2). Quando a rainha partiu, a caminho do dito mosteiro já tinha sinais da pestilença. Chegada a Odivelas ao rei pareceu que sua enfermidade não era coisa de nenhum perigo (Imagem 3).

Os preparativos da armada continuavam, o Infante D. Henrique chega do Porto com a sua frota ao Restelo e segue para Odivelas, acompanhado do Conde D. Afonso e outros senhores e fidalgos, onde fala com o rei e com a rainha. O infante D. Pedro estava na frota. Julgando que a doença da Rainha não era aquilo que depois pareceu, regressa o infante D. Henrique e seus acompanhantes para a frota, contudo, no dia seguinte, D. Duarte manda chamar os irmãos devido ao estado de saúde da Rainha, os quais logo, trágicamente cavalgaram e se foram para Odivelas, donde nunca depois partiram até o acabamento da dita senhora. Estando em Odivelas, apenas preocupados com a Rainha todos os outros cuidados da guerra, em aqueles dias, foram esquecidos.

Aperecendo-se que a sua morte estaria próxima fez chamar seus filhos dizendo-lhes que desejo sempre tive de ver a hora, em que vós vosso padre fizesse cavaleiros. E para isso mandei fazer e guardar três espadas. E como as mesmas ainda não estavam em Odivelas a Rainha dá o verdadeiro escudo da fortaleza e defesa que é o Lenho da Vera Cruz. E de manhã a Deus fazendo vos darei as espadas (Imagem 4). O que veio a acontecer, sendo cada espada entregue individualmente a cada um dos filhos, acompanhada de algumas palavras.

D. Duarte foi o primeiro a ser chamado por sua mãe que lhe entregue a sua espada: eu vos dou esta espada, e vos encomendo, que vos seja espada de justiça para regedes os grandes e os pequenos destes reinos, depois que a Deus prouver que sejam em vosso poder, por falecimento del-rei, vosso padre e vos encomendo seus povos, e vos rogo que, com toda a fortaleza, sejais sempre a eles defensão não consentindo que lhe seja feito nenhum desgastado mais a todos cumprimento de direito e justiça (Imagem 5 e 6).

Depois D. Pedro, Duque de Coimbra, ao qual foi entregue a sua espada, recebendo conselho da rainha para defender e amparar as damas e donzelas pois, sempre até ali, o já tinha feito, por serem elas quem mais necessitavam de proteção.

O infante D. Henrique, Duque de Viseu, foi o último a receber a espada da mãe: e porque a um de vossos irmãos encomendei os povos, e a outro as donas e donzelas, a vós quero encomendar todos os senhores, cavaleiros, fidalgos e escudeiros destes reinos, os quais vos encomendo que hajais em vosso especial encargo.

O tempo de vida da Rainha estava a esgotar-se e o Rei é aconselhado a partir dali e se passar além do Tejo a um lugar chamado Aíhos Vedros, como se de feito partiu.

D. Filipa sentiu sua morte aproximar-se, preparando-se para a viagem eterna ao cumprir os ritos da boa morte. Confessou-se, comungou e recebeu a extrema-unção. Quando os clérigos acabaram de rezar, no dia 19 de julho, ela faleceu. Inicialmente foi sepultada em Odivelas, no antecoro da Igreja do Mosteiro (Imagem 7), mas passados quinze meses, os seus restos mortais foram trasladados para o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, por ordem de D. João I.

A estadia de D. Filipa em Odivelas termina na sua morte. Aqui procura recuperar da peste mas tal não foi possível.

Antes de morrer dá o seu aval a D. João I e filhos para participarem na conquista de Ceuta, entregando a cada um dos infantes uma espada, como que iniciando o ritual de armação de cavaleiros.

No tempo que ficou no Mosteiro de Odivelas aproveitou ainda para preparar a sua morte, através da religiosidade que lhe é reconhecida.



Imagem 1 - A Capela de D. Filipa de Lencastre no Mosteiro de São Dinis, o São Bernardo de Odivelas, vista do exterior da cabeceira e da igreja da Mosteiro e do alpendre.

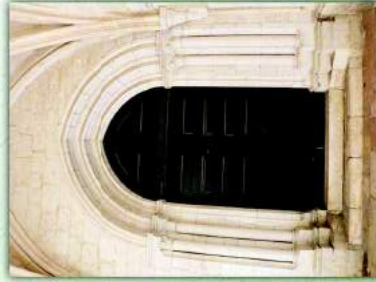


Imagem 2 - Nícha com pórtico do entrada da Capela de D. Filipa de Lencastre; Arquivo da CMO, Junho de 2015.



Imagem 3 - Nícha com pórtico do entrada da Capela de D. Filipa de Lencastre; Arquivo da CMO, Junho de 2015.



Imagem 4 - Nícha, pédaço da entrada da igreja do Mosteiro, Arquivo da CMO, Junho de 2015.

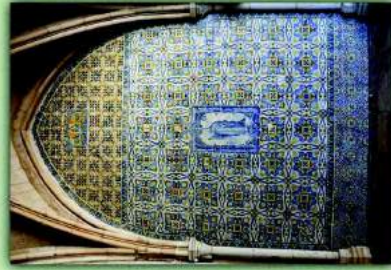


Imagem 5 - Nícha, pedra escultórica esculpida, aluminando-se o centro o de S. Bernardo, Arquivo da CMO, Junho de 2015.



Imagem 6 - Janela norte da capela de D. Filipa de Lencastre; Arquivo da CMO, Junho de 2015.



Imagem 7 - Janela da capela de D. Filipa de Lencastre; Arquivo da CMO, Junho de 2015.



Imagem 8 - Remanescente da chapa e nervura da abóboda; Arquivo da CMO, Junho de 2015.



Imagem 9 - Abóboda da capela; Arquivo da CMO, Junho de 2015.



Imagem 10 - Pórtico da capela de D. Filipa de Lencastre e alpendre; Arquivo da CMO, Junho de 2015.



Imagem 11 - Pórtico da capela de D. Filipa de Lencastre e alpendre; Arquivo da CMO, Junho de 2015.



Imagem 12 - Pórtico da capela de D. Filipa de Lencastre e alpendre; Arquivo da CMO, Junho de 2015.

No ano de 1425, o Infante D. Pedro, querendo lembrar a memória religiosa de sua mãe, instituiu uma capela no Mosteiro de São Dinis de Odivelas, para celebração de missa pelas horas canônicas e de duas missas no dia de Todos os Santos por alma de D. Filipa (Imagem 1). Estas missas seriam celebradas pelo D. Abade de Alcobaca. Instituir uma capela não significa a construção da mesma, podia estar numa parte de uma igreja já construída, mas o importante era deixar devidamente assegurados os rendimentos básicos para sustentar o culto.

Por concerto entre D. Pedro e o Abade de Alcobaca, feito a 14 de Maio desse ano, foi estabelecido que o prior e o capelão-mor de D. Dinis que residissem no Mosteiro seriam apresentados pelo D. Abade do Mosteiro de Alcobaca. Para manutenção da capela, foram deixados vários bens em Torres Novas e na Colegiã, e 40 corvoas anuais para o D. Abade. O infante D. Pedro deixa como administrador João Álvares, e as casas da Ferraria da Ribeira, na Rua da Ferraria à Madalena, na Rua D. Maria Mafalda e nas Fangas do Payco, bem como bens em Torres Novas para manutenção de um capelão.

Não obstante, a Capela de D. Filipa, anexada à cabeceira da igreja em 1425, acusa as características de um gótico mais tardio, marcado por elementos construtivos de grande elegância, de desenho mais ricamente trabalhado, com uma componente de verticalidade mais assumida e de maior riqueza decorativa do que a cabeceira da igreja. Esta capela, de planta poligonal, de três panos de fundo e de maiores dimensões que o absidíolo adjacente, tem um pé-direito mais baixo, aparecendo-nos numa continuidade volumétrica, decrescente, em que a abside continua a ocupar a maior presença.

O pórtico da capela de D. Filipa, de acesso independente e autónomo, é muito semelhante ao pórtico da igreja de construção anterior, mas de maiores dimensões, estando protegido por um nártex de planta sensivelmente quadrangular (Imagens 2 a 5, 10). Tem ainda comunicação direta com a capela absidal do Evangelho, onde se encontra o túmulo de D. Dinis (Imagem 11 e 12).

Nesta capela é utilizado o mesmo tipo de construção da época inicial do mosteiro, mas os seus elementos construtivos aparecem trabalhados de uma forma mais elaborada correspondente a um período gótico de construção decorativa mais enriquecida. Apresenta três janelas, tal como a abside de época anterior, mas todas elas trabalhadas com arcaturas. A janela a norte, de maiores dimensões, como que assinalando a entrada, é também ogival com arcaturas de arco quebrado (Imagem 6 a 9).

Foi decorada com primorosas pinturas, que iam das paredes à abóboda nervurada, com um fundo verde garafa (provável deterioração do azul primitivo, sob a ação do sol) cortado em retângulos por linhas horizontais e verticais com flores de lis douradas, nas cores das armas de D. Filipa.

A capela encontra-se vazia e nela se pode ver uma lápide tumular com um braço e um nome: Nicolau Ribeiro Soares: "CAPELA E SEPULTURA DE NICOLAO RIBEIRO, SOAREZ, E DE VIUOLANTE, RABELA, SUA MOLHER, E DE SEUS, DECENTENTES, E HERDEIROS, HO QUAL FALLECEU AOS 27 DE AGOSTO DE 1557" (Imagem 11).



A Rainha.



Infanta D. Henriqueta em Lagos, em bronze de Leopoldo de Almeida



D. Fernando, Duque de Beja (Museu da Cidade de Beja)



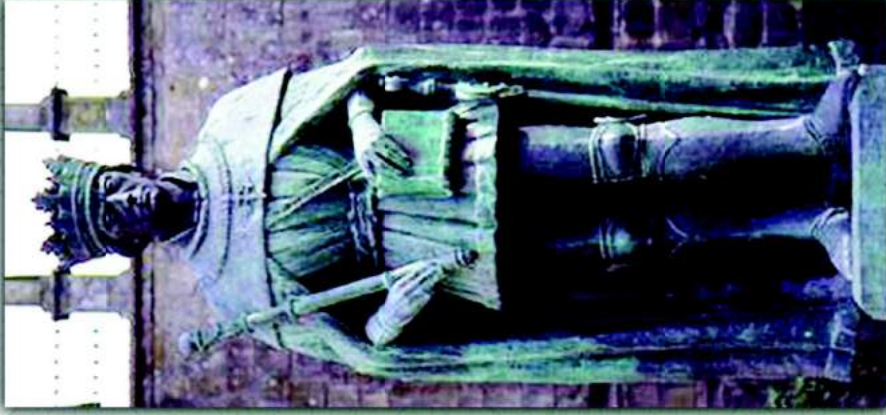
Infanta D. Beatriz, a Duquesa da Coimbra (Painéis do políptico S. Vicente, Museu Nacional de Arte Antiga)



Infanta D. João, Mestre de Santiago (painéis do políptico S. Vicente, Museu Nacional de Arte Antiga)



Infanta D. Isabel, Duquesa de Borgonha (quadro de Rogier van der Weyden)



Estátua D. Duarte em Viseu, em bronze de Álvaro de Brás.



Túmulos dos Infantes (Mosteiro da Batalha)



Mosteiro da Batalha

A Índia Geração

A Dinastia de Avis foi a segunda dinastia a reinar em Portugal, entre 1385 e 1581, e os reis que fizeram parte foram: D. João I, Mestre de Avis (1385 a 1433); D. Duarte (1433 a 1438); D. Afonso V (1438 a 1481); D. João II (1481 a 1495); D. Manuel I (1495 a 1521); D. João III (1521 a 1557); D. Sebastião (1557 a 1578); D. Henrique (de 1578 a 1580) e D. António (1580 a 1581). Todos os membros da Dinastia de Avis foram importantes, mas dá-se especial ênfase a D. João I e aos seus filhos, uma vez que são conhecidos pelos seus feitos, na área da expansão marítima, na cultura e nas artes e, até nas novas técnicas aplicadas na governação do país. D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando, conhecidos como a Índia Geração, assim denominada por Camões n'Os Lusíadas. D. João I e a sua mulher D. Filipa de Leira; souberam e fizeram questão, de educar os filhos com conhecimentos nas mais variadas áreas, o que fez com que, mais tarde, viessem, inclusivamente, a escrever e a traduzir obras para sempre lembradas como marcos na nossa história.

Os príncipes - os que chegaram à idade adulta, uma vez que os dois primeiros filhos do casal morreram ainda crianças - destacaram-se na sua época pelo seu valor individual, nomeadamente pelo valor militar, pela grande sabedoria e predominância na vida pública portuguesa.

O Infante D. Duarte (1391-1438), que foi rei de Portugal (1433-1438, casou com D. Leonor, filha de D. Fernando de Aragão;

O Infante Pedro, Duque de Coimbra (1392-1449), conhecido como "Príncipe das Sete Partidas" e considerado o príncipe mais culto da sua época; foi regente de Afonso V de Portugal, seu sobrinho; veio a falecer em combate na Batalha de Alfarrobeira;

O D. Henrique, Duque de Viseu (1394-1460), conhecido como "Henrique, O Navegador", foi o grande promotor e impulsionador dos Descobrimentos portugueses;

A D. Isabel de Portugal, Duquesa da Borgonha (1397-1471), casada com Filipe III, Duque da Borgonha, atuou em nome do marido em vários encontros diplomáticos e é considerada como a verdadeira governante da província francesa da Borgonha no seu tempo. Em honra deste casamento, o Duque criou a Ordem do Tosão de Ouro;

O D. João, Infante de Portugal (1400-1442), designado em 1418 mestre da Ordem de Santiago, condesável de Portugal (1431-1442) e avô da rainha Isabel de Castela e do rei D. Manuel I de Portugal

O D. Fernando, o Infante Santo (1402-1433), faleceu como refém no caríveiro muçulmano em Fez, diante da recusa do Infante D. Henrique em devolver Ceuta, sacrificado assim aos interesses do país.

A Índia Geração faz, à exceção de D. Duarte, que construiu o seu próprio partado, na Capela do Fundador do Mosteiro da Batalha, primeiro Partado Régio a ser construído em Portugal

"Não consentiu a morte tantos anos
Que de Herói tão diroso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céu supremo quis que povoasse.
Mas pera defensão dos Lusitanos,
Deixou. Quem o levou, quem governasse
E aumenasse a terra mais que dantes:
Índia geração, altos Infantes"

In Os Lusíadas, Canto IV.



A Rainha

Partida para Ceuta

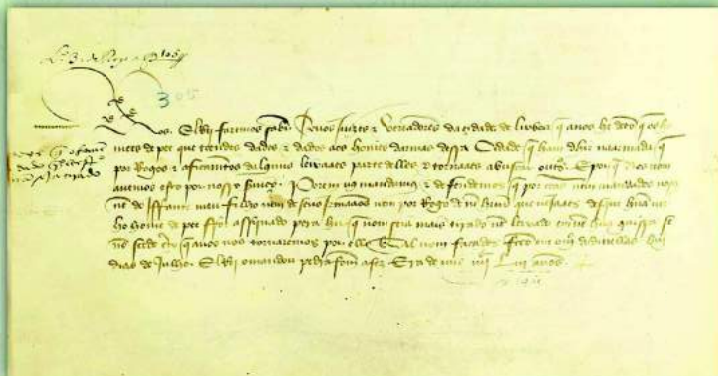


Imagem 1 - D. João I determina que os peões de Lisboa que forem recrutados para a armada de Ceuta não devem ser substituídos a partir do momento em que forem dados pelo concelho aos homens de armas da cidade. 1415, julho, 8, Mosteiro de Odivelas. Arquivo Municipal de Lisboa, Livro dos Pregos, doc. 305, f. 216v.



Imagem 2 - Infante D. Henrique na Conquista de Ceuta | Arquivo REFER

O edifício da Estação de São Bento, cuja construção se iniciou em 1900, com projeto do arquiteto José Marques da Silva foi inaugurado em 1915, e foi edificado no local do Convento de S. Bento de Avé Maria, imóvel quinhentista demolido para esse efeito. O vestíbulo apresenta um revestimento de azulejos nos quatro alçados, executados na Fábrica de Sacavém e é a autoria de Jorge Colaço. Os painéis, adjudicados em 1908 e colocados em 1915, representam cenas da história de Portugal.



Imagem 3 - Como o Rei mandou chamar o seu capellam moor e das rezas que lhe disse. Crônica da Tomada de Ceuta de Gomes Eanes Zurara, PT/TT/CRN10, ff. CXVII V. | Documento cedido pelo ANTT

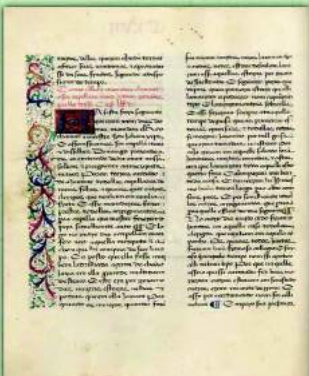


Imagem 4 - Como o mestre frey Joham Xira pregou como os Infantes foram feitos Cavaleiros. Crônica da Tomada de Ceuta de Gomes Eanes Zurara, PT/TT/CRN10, ff. CXVIII. | Documento cedido pelo ANTT



Imagem 5 - Como o mestre frey Joham Xira pregou como os Infantes foram feitos cavaleiros. Crônica da Tomada de Ceuta de Gomes Eanes Zurara, PT/TT/CRN9, ff. CXXXVII. | Documento cedido pelo ANTT



Imagem 6 - E tanto que chegaram ante elle o Infante duarte se pos primeiramente em joelhos e tirou a espada da bainha e beijou a e foveo ella caualieiro. E pera semelhante guisa fizeram seus irmãos. Crônica da Tomada de Ceuta de Gomes Eanes Zurara, PT/TT/CRN9, ff. CXXXIX. | Documento cedido pelo ANTT

Após a paz de 1411, assinada entre Portugal e Castela, o projeto de conquista de Ceuta surgiu como prolongamento da reconquista do Algarve, assim como da “conjugação de interesses na sociedade portuguesa, ao nível político, económico, social e religioso, tendo germinado no seio da Coroa Portuguesa ao longo de alguns anos, contando sobretudo com o apoio dos Infantes” que almejavam serem feitos cavaleiros.

D. João sugeriu a realização de um torneio com intervenção dos cavaleiros de maior nomeada. Seria ao mesmo tempo uma forma de manter ocupada a nobreza. A esta ideia contrapôs, o vedor João Afonso de Albuquerque, outra: os infantes podiam dar provas de valentia atacando os sarracenos em Ceuta.

Os anos seguintes terão sido anos de debate e de preparação, tendo sido necessário financiar a expedição, reunir embarcações e mantimentos e recrutar os efetivos militares. Apesar de os preparativos que se tomavam no Reino para uma expedição militar, o objetivo desta foi mantido em segredo.

É no contexto de preparação de tão grande expedição que D. João I, estando no Mosteiro de Odivelas, ordena que os peões de Lisboa que forem recrutados para a armada de Ceuta não devem ser substituídos a partir do momento em que forem dados pelo concelho aos homens de armas da cidade (Imagem 1). O rei marcava nesta data presença em Odivelas devido à enfermidade que sofria D. Filipa de Lencastre, e que abala a região de Lisboa.

A carta do rei é dirigida aos juízes e vereadores da cidade de Lisboa. Cabia a estas duas categorias de funcionários recrutar os homens de pé para serem dados aos homens d'armas conseguindo alguns, no entanto, por rogos e aficamentos fugir à sua obrigação, sendo necessário incorporar outros. Posto isto, nom auemos esto por nosso serviço, pelo que, determina o rei, desque hũa uez homem de pee foor assijnado hir que nom seia mais tirado nem leixado em nenhũa guissa, mesmo que seja apresentado qualquer tipo de documento em contrário.

Apesar da armada, composta por dezenas de embarcações e alguns milhares de soldados, estar pronta, a partida foi atrasada devido ao estado de saúde da rainha D. Filipa de Lencastre que terminou na sua morte a 19 de julho: ... tanto que aquela santa Rainha foi posta em sepultura e feitas suas exéquias, os Infantes se partiram dali, acompanhados daqueles senhores e fidalgos, e se foram para uma aldeia que está cima daquela igreja, que o Infante D. Henrique mandou fazer, que chamam Santa Maria de Belém e a aldeia há nome Restelo por razão daquela ancoração que ali está, que se chama por essa mesma guisa E ali estiveram até que a frota partiu

Acaba a expedição por partir a 25 de julho rumo ao Algarve, tendo sido apenas em Lagos, a 28 de julho, que o objetivo da empresa foi divulgado, sendo que no início de agosto a expedição deixa o Algarve.

O assalto à praia de Almina ocorreu a 21 de agosto, com vitória portuguesa. O exército português, liderado pelos infantes D. Duarte e D. Henrique, após algumas horas de combate consegue controlar a cidade (Imagem 2).

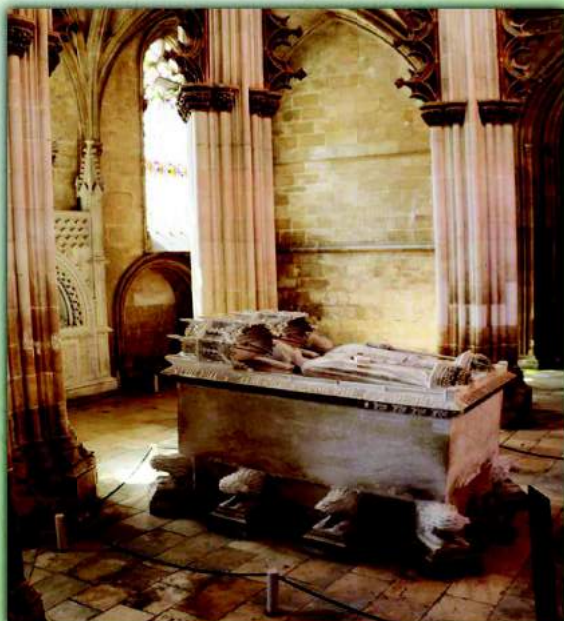
Na semana seguinte ocorreu, com a presença do rei, a sacralização da grande Mesquita (Imagem 3), transformada em igreja, e o ritual solene de armar cavaleiros os infantes e muitos dos fidalgos que haviam participado na batalha (Imagens 4 a 6).

Decidida a manutenção da praça, a sua capitania foi entregue, após a recusa de figuras como o condestável Nuno Álvares Pereira e o marechal Gonçalo Vasques Coutinho, a D. Pedro de Meneses, conde de Viana, comandando uma guarnição de 2500 homens. A notícia da conquista foi rapidamente divulgada cumprindo, neste sentido, o seu objetivo de elevação do peso do Reino, perante a Santa Sé e perante os Reinos da Cristandade.



A Rainha

O Túmulo da Rainha - Mosteiro de Stª Maria da Vitória na Batalha



Túmulo Jacente de D.Filipa de Lencastre e D.João I



Armas Reais de D.João I e D.Filipa de Lencastre

A Capela do Fundador no Mosteiro de Stª Maria da Vitória na Batalha, alberga o Túmulo da Rainha D. Filipa de Lencastre. A importância desta capela assenta desde logo, na sua exclusiva vocação funerária, e apesar de estar agregada a uma igreja monástica, é a primeira vez que os reis de Portugal mandam construir um espaço autónomo e individualizado para servir de panteão familiar e dinástico. D. João I proíbe mesmo que nessa capela seja sepultada qualquer outra pessoa "salvo se for Rei destes reinos".

A trasladação do corpo da rainha, de Odivelas para a Batalha é concretizado 15 meses depois da sua morte, em 9 de Outubro de 1416.



Jacentes do Túmulo Régio



Pórtico do Mosteiro da Batalha

O Túmulo conjunto de D. Filipa de Lencastre e de D. João I é uma novidade no panorama da arte funerária portuguesa medieval. A grande arca de calcário branco, assente sobre oito leões, está decorada nos lados maiores por extensas inscrições laudativas e, no rebordo da tampa, pelas divisas *por bem*, do rei, e *y me plet*, da rainha. Sobre a arca tumular, os jacentes, de cabeças coroadas assentes sobre duas almofadas, mostram-se de lado a lado, as mãos direitas unidas em gesto de afirmação conjugal. A rainha, de cabelos descobertos finamente ondulados, está envolvida por manto de largas pregas, segurando na mão um Livro de Horas fechado. Ambos assentam os pés sobre mísulas de folhagem naturalista, enquanto as cabeças se protegem com volumosos baldaquinos que ostentam, o correspondente escudo de armas. Os rostos procuram decididamente o naturalismo, visível de modo particular na cabeça volumosa e fortemente modelada de D. João I, em contraste com a cabeça pequena e o pescoço alto e fino de D. Filipa



pormenor do Túmulo régio



A Rainha

Representações da Rainha D. Filipa de Lencastre



O Padrão dos Descobrimentos - pormenor



O Padrão dos Descobrimentos (BELÉM)



A Rainha D. Filipa de Lencastre
no Padrão dos Descobrimentos

A imagem da Rainha D. Filipa de Lencastre ficou perpetuada em algumas representações, mais contemporâneas, como por exemplo no Padrão dos Descobrimentos em Belém, dada a sua ligação ao início da epopeia dos Descobrimentos, dos seus filhos, O filho mais novo do casal régio, D. Henrique, o Navegador, liderou a Época Áurea de Portugal através das suas viagens de descobertas marítimas.

O Padrão dos Descobrimentos, da autoria dos arquitetos Cottinelli Telmo e do escultor Leopoldo de Almeida, concluído em 1960, surgiu na sequência de iniciativas em que se pretendia exaltar e erguer em glória do precursor da Expansão e dos Descobrimentos portugueses, o Infante D. Henrique num monumento digno da sua aura mítica. Dos membros da família real, destaca-se a imagem da Rainha D. Filipa de Lencastre, na base, juntamente com o seu filho o Infante D. Pedro. Nos topos aparecem representados D. Fernando e D. Afonso V. no enquadramento do desfile dos heróis, é expressivo em termos de valorização do poder.

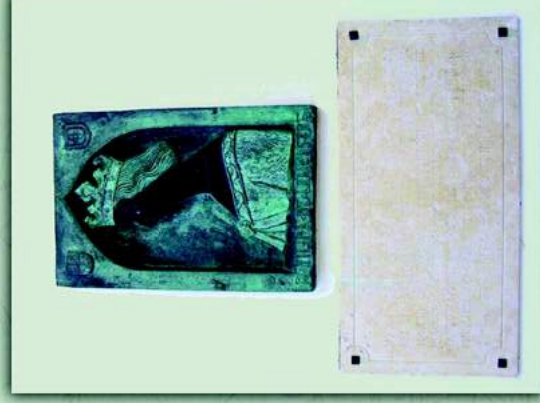


Notas de mil escudos de D. Filipa de Lencastre. A frente das notas tem ilustrado o retrato de D. Filipa de Lencastre, sendo que a de 1956 apresenta ainda o Mosteiro da Batalha. No verso, pormenor do Padrão dos Descobrimentos, com representação do Infante D. Pedro, de D. Filipa de Lencastre e de Ferrão Mendes Pinto. Esta nota de mil escudos teve em circulação de 1956 a 1979. A segunda versão, esteve em circulação de 1961 a 1979. Dimensões: 163 x 104 mm. Imagem cedida pelo Museu do Banco de Portugal.



Em Sintra numa das vilas também ligada à vivência da rainha, encontra-se um Busto em bronze, oferecido pela British Historical Society of Portugal, no âmbito do 600º Aniversário do Casamento com D. João I e elaborado pelo Mestre António Duarte, em 1987.

No Funchal, encomendada pela Comunidade Inglesa, um Busto em bronze, da autoridade Anjos Triveira, datado de 1973, localizado no Jardim da Igreja Anglicana.



Busto (Sintra)

Busto (Funchal)



A VIDA QUOTIDIANA NA CORTE NO séc. XV

A CASA

nos fins da Idade Média – não a casa do camponês – era mais cómoda e mais protegida. As primeiras vidraças vão torná-la muito mais quente e aumentaram o número de tapeçarias, nomeadamente de parede, especializando-se a própria compartimentação, as casas tornaram-se mais divididas e os quartos mais pequenos e aconchegados. O recurso a amplos mantos e túnicas, que cobriam inteiramente o corpo e serviam de defesa contra os rigores do Inverno, tornou-se desnecessário dentro de casa.

O VESTUÁRIO

ao longo dos séculos variou bastante, assim como a conceção ornamental e gramática decorativa do gótico. Refletiu de maneira bem marcada, o predomínio da linha vertical sobre a linha horizontal. A moda acompanhou também o decadentismo de uma sociedade. O gosto pelo luxo afirmou-se especialmente na segunda metade do século XIV e no século XV. Foi a época dos extremos, a época em que o homem oscilou entre o misticismo mais profundo e o prazer mais desregrado.

A DANÇA

na Idade Média, as danças requintadas do século XV não iriam além de alguns passos lentos, ao som de suaves instrumentos de corda que o cavalheiro e a dama, ou o cavalheiro com as duas damas faziam frente a frente, segurando-se por uma mão com cópia de medidas e de cumprimentos.

A ALIMENTAÇÃO

de um modo geral, a alimentação medieval era pobre e a quantidade supria, quantas vezes a qualidade. Feita à base de cereais, de carne, e peixe e de vinho, as duas refeições principais do dia eram o jantar e a ceia, jantava-se entre as dez e as onze horas da manhã e ceava-se pelas seis ou sete horas da tarde. O consumo frequente de peixe pela nobreza e pelo clero provinha das prescrições religiosas: cerca de sessenta e oito dias no ano eram de abstinência obrigatória de carne para todos os católicos.

Sobre a MESA

dispunham-se peças de ourivesaria com fins simultaneamente decorativos e utilitários. Durante muito tempo não se utilizaram pratos na Idade Média, comiam a carne e o peixe sobre grandes metades de pão, de forma arredondada. Mais tarde, a rodela de pão foi substituída pelo talhador de madeira. A faca pontiaguda era o instrumento por excelência, conheciam-se pouco as colheres e não havia garfos.

A CASA DA RAINHA: Especificidades da rainha inglesa na Corte

Rodeando a rainha havia sempre um numeroso grupo de senhoras, quase todas viúvas, de origem nobre, que a acompanhavam e serviam. As jovens solteiras que também lhe ofereciam os seus serviços, eram quase todas órfãs e, como tal, dependiam em grande parte dos dotes que a sua senhora lhes pudesse proporcionar para poderem casar dentro do seu nível social – eram as chamadas donzelas que se distinguiam das donas, que eram mais próximas da rainha e ocupavam as posições de camareiras. Para além das mulheres de nobre estirpe havia, porém, muitas moças e mulheres de mais baixa condição que tratavam em geral das tarefas mais humildes.

Criando os filhos na sua proximidade, havia ainda que pagar às amas e, mais tarde, às moças e aos criados de quarto que serviam os infantes durante a sua infância. A rainha, porém, tinha ainda ao seu serviço um Chanceler, encarregado de elaborar a sua documentação oficial, um Secretário particular – Escrivão da Puridade – e um Tesoureiro. Pelo menos durante largos anos, estes cargos foram desempenhados por Ingleses. Entre os ofícios da administração e abastecimento da casa, o desempenho era feito maioritariamente por portugueses mas também se encontram alguns nomes ingleses, por exemplo como cozinheiros. No entanto, por entre os muitos cavaleiros, escudeiros e estribeiros encarregados das montadas tão necessárias numa corte itinerante, também se encontravam alguns ingleses, segundo nos revela a listagem dos moradores da corte, elaborada nos primeiros anos do século XV.



Ficha Técnica

Conceção

Câmara Municipal de Odivelas

Divisão de Cultura, Turismo,
Património Cultural e Bibliotecas

Coordenação Geral

Angelina Pereira
Maria Fernanda Moroso

Investigação

Ana Santos Leitão
João Fresco
Maria Fernanda Moroso

Produção

Ana Santos Leitão
Ana Santos Silva
João Fresco
Maria Fernanda Moroso
Miguel Ferreira
Rita Jerónimo

Grafismo

Gabinete de Comunicação e
Modernização Administrativa
Cristina Pereira

Cedência de Espólio

Entidades

Clube Filatélico de Portugal
International John Gower Society
Museu da Música
Museu Nacional do Teatro e da
Dança

Particulares

Adriana R. de Almeida
Ana Cristina Oliveira
João Fresco
Maria Fernanda Moroso
Miguel Ferreira

Créditos Fotográficos

Câmara Municipal de Odivelas

Investigação

Ana Santos Leitão
João Fresco
Maria Fernanda Moroso

Agradecimentos

Adriana R. de Almeida
Ana Sáez-Hidalgo
Arquivo Nacional Torre do Tombo
Baptista Mendes
Câmara Municipal do Funchal
Câmara Municipal de Lisboa
Carlos Alberto Santos
Centro de História da Faculdade de
Letras da Universidade de Lisboa
Clube Filatélico de Portugal
International John Gower Society
José Garcês
Luís Delgado
Manuela Santos Silva
MUNDIFIL
Museu do Banco de Portugal
Museu da Música
Museu Nacional do Teatro e da
Dança
Museu Nacional do Traje
REFER
R. F. Yeager
Tiago Viúla de Faria

Bibliografia

Fontes

ANTT, Gaveta 16, maço 1, documento 5.
ANTT, Crónica de D. João I de Fernão Lopes,
PT/TT/CRN8; PT/TT/CRN13; PT/TT/CRN15
ANTT, Crónica da Tomada de Ceuta de Gomes
Eanes Zurara, PT/TT/CRN9; PT/TT/CRN10;
PT/TT/CRN14
Chancelaria Régia, Livro dos Pregos, doc. 305,
f. 216v.
LOPES, Fernão, Crónica de D. João I, vol. I,
Livreria Civilização-Editora, 1990
ZURRARA, Gomes Eanes, Crónica da Tomada
de Ceuta, Introdução e Notas de Reis Brasil,
Mem Martins, Publicações Europa-América,
1992.
BRANDÃO, Frei Francisco, Monarquia
Lusitana, V Parte, Lisboa, 1650

ESTUDOS

BENEVIDES, Francisco da Fonseca (2007), As rainhas
de Portugal, Livros Horizonte, 2007.
COELHO, Maria Helena da Cruz (2005), D. João I,
[Lisboa], Círculo de Leitores.
FERREIRA, José, "Conquista de Ceuta", in temas
e factos,
[http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?
printconcelto=1131](http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconcelto=1131)
FIGUEIREDO, António Cardoso Borges (1889),
Mosteiro de Odivelas - Casos de Reis e
Memórias de Freiras, Lisboa.
MACHADO, J. T. Montalvão (1967), "A Rainha D.
Filipa de Lencastre no Mosteiro de Odivelas",
Separata de OLISIPO – Boletim do Grupo Amigos
de Lisboa, Ano XX Outubro / Dezembro – 1967,
n.º 120.
MADAHIL, A. G. da Rocha (1934), "A instituição
da Capela de D. Filipa no Convento de Odivelas"
in Inéditos e dispersos do Infante D. Pedro,
Duque de Coimbra e Regente do Reino, Lisboa:
Biblioteca da "Feira da Lada".
MARQUES, A. H. de Oliveira (1987), A sociedade
medieval portuguesa, Lisboa: Sá da Costa, 5ª
ed.,...
MARQUES, A. H. Oliveira (2010) A Sociedade
Medieval Portuguesa, Aspectos da Vida
Quotidiana, A Esfera dos Livros.
MARQUES, A. H. de Oliveira (1989), "Portugal na
Crise dos Séculos XIV e XV", Editorial Presença.
Coleção: Nova História de Portugal.
MORENO, Humberto Baquero (1988), Os
itinerários de El-rei Dom João I (1384-1433),
Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
COLEÇÃO: Identidade. Cultura portuguesa.
REDOL, Pedro; SILVA, José Custódio Vieira da
(2009), Mosteiro da Batalha, Instituto de Gestão
do Património Arqueológico e Arqueológico,
IGESPAR, Scala Publishers.
SARAIVA, José Hermano (1991), História concisa
de Portugal, Mem Martins: Publicações
Europa-América, 14.ª edição. Coleção Saber,
n.º 123.
SILVA, Manuela Santos (2012), A rainha inglesa
de Portugal, Filipa de Lencastre, Coleção Rainhas
de Portugal, [Lisboa], Círculo de Leitores.
TOMÉ, Manuela Maria Justino (2001), Odivelas,
um mosteiro Cisterciense, Coleção Património
n.º 3, Comissão Instaladora do Município de
Odivelas.
VAZ, Maria Máxima (2001), O concelho de
Odivelas. Memórias de um povo, Amadora:
Comissão Instaladora do Município de Odivelas.
O Padrão dos Descobrimentos – Roteiro para
uma visita de Estudo, (1994) Estudo efetuado
por Nuno Campos e Isabel Carneiro, Grupo de
Trabalho do Ministério da Educação para as
Comemorações dos Descobrimentos
Portugueses, Imprensa de Coimbra, Lda.